

O MOVIMENTO MODERNISTA EM PERNAMBUCO: A CORRENpondência ENTRE JOAQUIM INOJOSA E JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA (1966-1968)¹

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira (USP)

Resumo: Através do estudo desta epistolografia, analisa-se, de maneira circunstanciada, as relações complexas existentes na historiografia do modernismo no contexto da modernização da região Nordeste, analisando as atitudes dos atores envolvidos no processo, assim como as contradições implicadas. Sabendo-se que as ideias não circulam, elas mesmas encarnadas pelas ruas, mas sendo portadas por intelectuais que fazem parte de grupos sociais organizados, pretende-se perceber como ocorreu a circulação, recepção e apropriação das ideias do Movimento Modernista em Pernambuco por parte de Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida. O texto será elaborado a luz de dois conceitos: a) A noção de redes de sociabilidades intelectuais, referindo-se aos locais de produção dos intelectuais e às trocas nelas ocorridas; b) O gênero epistolar é aqui concebido como “arquivo da criação”, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração.

Palavras-Chaves: Modernismo, Joaquim Inojosa, José Américo de Almeida, correspondência, redes de sociabilidade, arquivos da criação.

Abstract: Through the study of this epistolography, understand, detailed manner, the complex relationships that existed in the historiography of modernism in the context of the modernization from the Northeast region, analyzing the attitudes of the actors involved in the process as well as the contradictions involved. It knows that ideas do not circulate, they embodied the same streets, but being carried by intellectuals who are part of organized social groups perceive as circulation, reception and appropriation of the ideas of the Modernist Movement occurred in Pernambuco by Joaquim Inojosa and José Américo de Almeida. The text will be developed per two concepts: a) The concept of intellectual sociability networks, referring to the production local of intellectuals and changes occurring in them b) The epistolary genre is conceived as "file creation". Fixed space where the genesis and the various stages of preparation of an artistic work, from the embryo of the project to the debate on the critical reception favoring to its eventual reworking.

Key-words: Modernism, Inojosa Joaquim José Américo de Almeida, correspondence, social networks, creating files.

1. Introdução

Entendemos o modernismo como um movimento de ideias renovadoras que estabelece fortes conexões entre arte e política, caracterizado por uma grande heterogeneidade. Não desejamos “concentrá-lo” em seu marco simbólico — a semana de 22 —, nem tratá-lo de forma unívoca e com contornos bem delimitados. O modernismo é um movimento de ideias que circula pelos principais núcleos urbanos do

¹ Agradeço a Humberto Hermenegildo de Araújo e a Marcos Silva pela leitura crítica do texto. Ao Deputado Estadual da Paraíba Adriano Galdino e ao amigo Valmir Guimarães, pela interlocução com a Fundação Casa de José Américo de Almeida, e a Ana Lúcia Gomes (funcionária desta instituição), por auxiliar na busca da documentação aqui analisada.

país desde a segunda metade dos anos 10, assumindo características cada vez mais diferenciadas com o passar das décadas de 20 e 30 (GOMES, 1993, p.63).

O modernismo chegou ao Nordeste crivado de tensões, uma vez que representado em registros distintos, todos eles combinados a uma tradição que se formara ao longo do processo colonizador e do período formativo da nação. Essa tradição sedimentada nas instituições da sociedade e também em formas de transmissão populares era capaz de se impor no confronto com o processo de modernização do século XX. Sem esse diálogo de dominantes, onde se construíram consensos representados em obras literárias daí resultantes, não seria possível a consolidação do movimento modernista na região. A nova forma literária chegava inicialmente por meio de um modernismo “universal”, a partir do contato com paulistas e cariocas, mas também a partir da ação de Gilberto Freyre, que não deixava de ser igualmente um divulgador dessa nova forma, haja vista a sua apreensão da estética modernista dos norte-americanos. Do ponto de vista que examina especificamente a “divulgação” do modernismo, não há dúvidas quanto à adesão irrestrita de Joaquim Inojosa ao movimento (ARAÚJO, 2012, p. 70-71).

Ao se falar da efervescência cultural ocorrida em Recife em meados da década de 1920, não podemos esquecer-nos de Joaquim Inojosa, jornalista e também estudante de Direito na Faculdade do Recife, que escreveu, em 1924, a plaquete *A Arte Moderna*, carta /panfleto que repercutiu em todo o Nordeste. A carta dava um destaque especial a Graça Aranha (em virtude do discurso de rompimento deste com a Academia Brasileira de Letras), historiava a semana de 1922, informava sobre o movimento em Pernambuco, falava das primeiras repercussões no Pará e no Rio Grande do Norte e apelava para que a Paraíba (especialmente o grupo da revista *Era Nova*, a quem a carta era dirigida) aderisse o modernismo (AZEVEDO, 1996, p. 61-62).³ O registro histórico da correspondência entre Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida aparece pela primeira vez em *O Movimento Modernista em Pernambuco* (1968-1969) (2 cartas, décadas de 20), o segundo registro foi em *José Américo de Almeida – Algumas Cartas* (1980) (3 cartas da década de 20 – sendo duas já publicadas e uma inédita – e 18 escritas entre a década de 60 e 70), livros organizados pelo próprio Inojosa com o objetivo de documentar a história do modernismo na região Nordeste do Brasil. O escritor José Américo de Almeida ocupa lugar *sui generis* neste estudo; por ser um dos primeiros entusiastas que escreveram para Inojosa, falando das impressões e impactos causados pela carta manifesto *Arte Moderna* (INOJOSA, 1984, p. 42-44):

Recebi A ARTE MODERNA, que é mais uma expressão de seu talento e de sua cultura. (...) Não sou infenso ao espírito novo. Compreendo a necessidade de subordinar a arte às outras formas de vida que as conquistas do progresso vão impondo. Penso, porém, que para ampliar essa tendência não é preciso destruir o patrimônio da inteligência cosmopolita. É arriscado conjurar, de uma vez, as fórmulas consagradas. Daí as demasias das reações que resultam ridículas. (...) (JAA, 8-VIII-24, Apud, INOJOSA, 1984, p.42).

Os originais das cartas publicadas, além de outras inéditas, pertencem à *Fundação Casa de Rui Barbosa*, localizada no Rio de Janeiro, como parte do Arquivo – Museu de Literatura Brasileira, formando a “Coleção Joaquim Inojosa – séries: correspondência pessoal”, documentos que foram doados pelo titular em testamento. As cartas de Inojosa emitidas a José Américo de Almeida se encontram na *Fundação Casa de José Américo de Almeida*, localizadas em João Pessoa: 18 cartas escritas a partir de 1966 até meados de 1977, todas elas datilografadas em papel timbrado com a logomarca do escritório de advocacia de Inojosa e assinadas por ele, parecem encontrar-se até o presente momento, inéditas — não conseguimos encontrar nenhum outro estudo que fizesse menção a esse conjunto de documentos. Aqui, os documentos não serão analisados em sua totalidade, tendo em vista que todo o conjunto da correspondência não versa sobre o assunto em questão —, o movimento modernista em Pernambuco — desse modo, nos ateremos apenas às cartas que foram escritas entre 1966 e 1968.

Chama a atenção, de início, a interrupção do envio e recebimento de cartas, de ambos os missivistas, em um longo período (de 1928 a 1966). Esse lapso de trinta e oito anos apresentou-se como intrigante para a pesquisa, uma vez que nele os dois amigos continuaram exercendo a atividade intelectual em meio a profundas mudanças na conjuntura nacional. A interrupção da correspondência, no final dos anos 1920, ocorreu devido ao final das atividades de Joaquim Inojosa como divulgador do modernismo no Nordeste, coincidindo com sua mudança para o Rio de Janeiro. Sobre o fato, comentou Neroaldo Pontes de Azevedo:

Entre meados de 1927 e o ano de 1930, quando se transfere para o Rio, perseguido por ter tomado parte nos acontecimentos de Princesa, Joaquim Inojosa praticamente não aparece nos jornais e revistas de Recife. Pode-se afirmar que a campanha modernista, por ele empreendida, estava terminada (AZEVEDO, 1996, p. 94).

No prefácio de *José Américo de Almeida – Algumas Cartas* (1980), Inojosa reforça nossa linha de raciocínio:

As cartas que se vão ler – 3 da década de 20 e 18 de quarenta anos depois: outras, da 1ª fase, desapareceram nos transtornos da mudança do Recife para o Rio logo após a Revolução de 1930 -, revelam duas admiráveis facetas da invulgar personalidade de José Américo de Almeida: a de escritor e a do amigo.

[...]

Note-se que em 1930 nos havíamos separado politicamente, o que, entanto, em nada alterou os sentimentos de pura amizade renovados no reencontro de 1966 – reinício da correspondência -, bem definidos nos termos da oferta de um exemplar do romance *A Bagaceira* (3ª edição, de 1928):

“Ao grandíssimo amigo Inojosa, com a admiração que vem de longe. José Américo Rio, 14-7-973” (INOJOSA, 1980, p. 17-18).

Tomaremos neste artigo o gênero epistolar como “arquivo da criação”, por entendê-lo como espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração. A carta, nesse sentido, ocupa estatuto de crônica de obra de arte. Ao considerar a epistolografia um “canteiro de obras” ou um “ateliê”, buscamos descortinar a trama da invenção, o desenho de um ideal estético, quando examinamos as faces dos processos da criação. Nessa última direção, tanto mais fértil será o terreno epistolar, quando os interlocutores definem contratos mais ou menos explícitos, nos quais a troca de opinião sobre trabalhos em desenvolvimento fundamenta os passos da criação, muitas vezes vista como ação compartilhada. Essas cartas tornam-se espaços testemunhais que logram tanto historiar fases do pensamento estético dos interlocutores, quanto dar contornos crítico-interpretativos ao momento em análise (MORAES, 2007, p. 30).

O trabalho com correspondência privada de intelectuais vem crescendo entre os estudiosos da história de intelectuais na medida em que tal fonte/objeto é apontada como um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica de um campo cultural de um dado período.

O conceito de lugar de sociabilidade, entendido tanto como espaço de constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional), quanto um microcosmo de relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição), tem-se afirmado como de particular utilidade para tais análises. Isso se deve ao fato de os intelectuais terem evidenciado que a atividade epistolar era uma prática disseminada e exercida com afincamento e prazer pela maioria deles, que não só escreviam muitas cartas, como se aplicavam a guardar as que recebiam, para a alegria

dos pesquisadores que hoje sobre elas se debruçam. Dessa forma, a correspondência, como parte da obra de um autor, assegura uma aproximação das formas de estruturação do campo intelectual em dado momento e lugar, permitindo que se investigue de que maneira funciona esse “pequeno mundo” e de como se deve entender a própria noção de intelectual (GOMES, 2005, p. 13).

2. *A Bagaceira*: um romance modernista ou regionalista?

Na opinião de Albuquerque Jr. (2011), *A Bagaceira* de José Américo de Almeida é seu livro de maior repercussão. Uma obra nitidamente de transição entre duas estéticas: a naturalista e a modernista. Este romance aborda a transição entre duas sociabilidades: a patriarcal e a burguesa. Um livro, por isso, cheio de ambiguidades, no qual a influência da estética modernista e as pregações regionalistas de Gilberto Freyre surgem entrelaçadas com nítida influência de Euclides da Cunha, seja no que toca a observações saídas de seu cientificismo positivista, seja no próprio estilo metafórico, apoiado em analogias extraídas da natureza e no uso insistente de proparoxítonos e de longos paroxítonos que marcavam o estilo daquele autor (ALBUQUERQUE, 2011, p. 156).

O estudo de D’Andrea (2010), corrobora com esta argumentação, demonstrando que ao surgir em 1928, *A Bagaceira*, fora inscrita no painel da literatura brasileira como iniciadora do romance modernista. Ao mesmo tempo, pelo aspecto de particular reparo à região nordestina, é conferido também ao romance o título de “iniciador do romance regionalista” que viria a seguir, inaugurando a década de 1930. Dessa maneira, é nessa postura um tanto incômoda – um pé no Modernismo e outro no Regionalismo – que ele vem sendo discutido, na maioria das vezes pela historiografia literária (D’ANDREA, 2010, p. 187).

Joaquim Inojosa, em carta de três de janeiro de 1966, parecia já se colocar como uma das primeiras vozes a se posicionar no tom desse debate:

Em 1928, José Américo de Almeida – que era, já, o autor da novela “Revelações de uma Cabra” e do livro “Problemas da Paraíba”² – publica o extraordinário “A Bagaceira”, marco inicial da literatura-social no romance brasileiro.

² Joaquim Inojosa equivocou-se sobre os títulos das obras de José Américo de Almeida a que faz menção nesta passagem da carta citada. Trata-se, na verdade, de *Reflexões de um Cabra* (1922) e de *A Paraíba e seus Problemas* (1923).

A crítica literária de hoje em dia divide-se no apreciar que influências teria sofrido o autor para escrever o livro excepcional.

a) – a de que José Américo de Almeida sofrera influência do movimento modernista de São Paulo, largamente difundido entre Paraíba e Pernambuco, na sua fase de nacionalismo ou brasilidade;

b) – a de que “A Bagaceira” foi o primeiro fruto do regionalismo tradicionalista do Centro Regionalista do Nordeste;

c) – a de que não teria sofrido influência de qualquer dos dois... “movimentos” [...] (JI, 3-I-1966).

Joaquim Inojosa, nessa correspondência, confessava que sinceramente sentir-se-ia feliz se pudesse reencontrar o amigo e esclarecer o assunto, que era de interesse para a história da literatura brasileira pois, para Inojosa, José Américo de Almeida era um dos co-autores mais eminentes da nova literatura social brasileira. Tantos anos depois, não mais o estudante de vinte anos de idade, mas o sexagenário continuava a considerar o autor de “mestre insigne” e “o mais vigoroso, sincero, e forte intelectual da Paraíba” – e a ele novamente se dirigindo, na qualidade de “discípulo”, modernista, “É o que espera(va) ao subscrever-se, o “discípulo” da “Carta de Um Estudante”³, que é o mesmo desta carta” (JI, 3-I-1966).

No intuito de dar veracidade a suas teses e “esclarecer” o controvertido assunto, Inojosa, na companhia de Ivan Bichara⁴, saiu à procura de José Américo, quando de uma visita feita pelo escritor paraibano ao Rio de Janeiro em 1966, e expõe as dúvidas que os críticos literários estavam criando no espírito do leitor da época, no que se referia a possíveis influências que teria sofrido o autor ao escrever *A Bagaceira* (cf. INOJOSA, 1968, p. 200).

Em carta de 7 de janeiro de 1966, Inojosa comunica o envio do apanhado da conversa anunciada na carta anterior, mencionando que, se José Américo concordasse, publicaria o seu depoimento no capítulo que estava a desenvolver sobre *A Bagaceira* no livro *O Movimento Modernista em Pernambuco* (1968). Aguardava uma resposta mais incisiva, desculpando-se por tomar o tempo do amigo, “mas desejaria colocar os pontos nos ii nisto de José Américo ser fruto de Gilberto Freyre, ou melhor, ‘Bagaceira’ ter surgido sob influência de congressos regionalistas...” (JI, 7-I-1966).

³ Ao receber de José Américo um exemplar da conferência *Poetas da Abolição*, Joaquim Inojosa, dedicou-lhe em vinte de setembro de 1921, através das colunas do jornal *A União*, dirigido à época por Carlos Dias Fernandes, a respectiva carta, falando de sua admiração, mas também estabelecendo crítica à conferência do escritor paraibano (Cf. INOJOSA, 1980).

⁴ Ivan Bichara Sobreira (1918-1998), político paraibano, crítico literário e romancista, sua obra mais expressiva foi o romance *Carcará* (1984), que fora dedicado a José Américo de Almeida.

Só em 24 de fevereiro de 1966, o escritor José Américo de Almeida, já em João Pessoa, Paraíba, envia-lhe carta, mencionando que modificou apenas dois ligeiros traços, pedia desculpa pela demora em responder, devido ao fato de ter chegado do Rio incapacitado até para escrever uma carta, mas desejava “votos pelo êxito do seu próximo livro que terá como sempre, a marca de sua consciência de escritor”:

Recebi sua carta e fiquei pensando. O apanhado do nosso encontro está muito bem lançado, mas me coloca numa posição que, definida por mim, me deixa de certo modo contrafeito. São coisas que poderão ser expressas por outras pessoas, sem reivindicação de minha parte. Gostaria assim que você eliminasse da segunda página o período que começa por *Por isso considero...e* o que começa por *Jamais me deixei...* (JAA, 24-II-1966).

A entrevista concedida por José Américo a Joaquim Inojosa, depois das alterações sugeridas, e conforme o que ficou acordado entre os amigos, foi publicada no livro *O Movimento Modernista em Pernambuco* (1968). Nela, Almeida confessava, pela primeira vez, que levava cerca de três anos para concluir o romance fruto do modernismo em voga (INOJOSA, 1980, p. 27-28):

À proporção que o modernismo se expandia, inclusive no que representava de polêmico em Pernambuco, foi-se concretizando dentro de mim a idéia de igualmente formarmos uma reação nordestina contra os cânones antigos, a que se chamava “passadismo”, sem que perdêssemos o sentido universal da cultura brasileira. Reagir como nordestino, queria dizer, aproveitar tipos, linguagem, costumes regionais do Nordeste, secas e cangaços, dentro da integração nacionalista pregada pelos modernistas. Literatura universalista, pois que a literatura, mesmo que fixe aspectos regionais, não perde, por isso, o seu aspecto de universalidade (INOJOSA, 1968, p. 202-203).

Ao tratar d“*A Inspiração Modernista de ‘Bagaceira’*”, Joaquim Inojosa afirmou, com base no já apresentado, que seria, portanto, uma tolice vincular ao regionalismo tradicionalista recifense os escritores nordestinos daquele período posterior. Um ano antes do regresso de Gilberto Freyre, o escritor paraibano publicava *Reflexões de um Cabra* (1922) que, no olhar de Inojosa, tratava-se de um pré-Bagaceira, e pouco depois um alentado livro estudando problemas sertanejos — *A Paraíba e seus Problemas* (1923) —, afirmando que quem vivera “entre Recife e Paraíba (referindo-se aqui a atual cidade de João Pessoa – PB), de 1922 a 1930, não pode sem imperdoável parti-pri, subordinar a obra prima de José Américo de Almeida aos artigos seriados de

G.F.⁵ ou a um Congresso Regionalista que primou pela ausência de escritores e literatura, inclusive o ilustre paraibano” (INOJOSA, 1980, p. 197-198).

Embora José Américo não tenha participado do Congresso Regionalista, todavia, fora precipitação de Inojosa afirmar tão categoricamente que o escritor de *A Bagaceira* não tenha tido nenhum contato com Freyre. Antes mesmo da publicação da *Arte Moderna* em cinco de julho de 1924 na revista *Era Nova*, da Paraíba, vimos que houvera sim uma aproximação entre os respectivos intelectuais. Tendo por base outros documentos, em especial as cartas que Gilberto Freyre enviou a José Lins do Rêgo, vemos Freyre agradecer o interesse de alguns intelectuais da Paraíba, no sentido de publicarem a conferência que havia proferido em João Pessoa, em 5 de abril de 1924 — *Apologia pro generatione sua* —, no Teatro Santa Roza. A conferência foi publicada no mesmo ano, pela Imprensa Oficial da Paraíba, provavelmente em junho. Traz, em sua capa, os nomes dos intelectuais que formava a comissão “sob cujos auspícios esteve Gilberto Freyre na Parahyba”. Entre os mais conhecidos estavam Carlos Dias Fernandes, José Américo de Almeida, Adhemar Vidal, Antenor Navarro e José Lins do Rêgo. Conforme demonstra ainda Figueiredo Jr (2000), em carta de 16 de junho de 1924, do Recife, o líder regionalista pernambucano fala com muito entusiasmo do romance de estreia de José Américo: “Estou ansioso pelo *Bagaceira*. Que título feliz! Um título assim dá sabôr a um livro” (FIGUEIREDO JR, 2000, p. 48).

Aqui nos voltamos à função paradigmática de *A Bagaceira*. Trazendo para a ficção o referencial de uma realidade que até então tivera seus melindres de tratamento, José Américo de Almeida, mesmo com uma organização formal quase nada inovadora e com um forte componente de naturalismo determinista, abre caminho para as duas soluções ficcionais que se lhe sucederiam: o tratamento formalmente moderno, mas ambíguo, entre as mazelas escravistas no eito dos engenhos — José Lins do Rêgo — e o tratamento de “uma faca só lâmina” que a ficção contra-ideológica, manifesta na linguagem de Graciliano Ramos, traz para os romances de 1930 (D’ANDREA, 2010, p. 211).

Significativo, no entanto, é o fato de que Gilberto Freyre, em artigo intitulado “José Américo de Almeida: uma reinterpretação”, escrito em 1978, coloque a obra de

⁵ Série de cem artigos escritos por Gilberto Freyre, iniciados quando o mesmo ainda residia nos E.U.A, publicados no *Diário de Pernambuco*, entre 22 de abril de 1923 e 15 de abril de 1925, e republicados no livro *Tempo de Aprendiz* (FREYRE, 1979).

José Américo fora da órbita de influências do Movimento Regionalista-Tradicionalista, o que de certo modo termina por desestabilizar as prerrogativas de Inojosa:

Com *A bagaceira* principiou no Brasil a voga de um romance ao mesmo tempo que moderno – *sem modernismo à la Semana de Arte Moderna* – social e regional [...] Daí, no que tenho escrito acerca do Movimento Regionalista, *saído do Recife* desde o começo da década de 20, *nunca ter filiado José Américo de Almeida a esse movimento ou ter sugerido, na sua obra, influência assimilada pelo autor daquela interpenetração que, na década de 20*, processou-se inovadoramente no Recife acrescentando a perspectiva de renovação artística ou literária iniciada em São Paulo como “modernista” a socialmente ou filosoficamente social do Nordeste, como região, e do Brasil, como nação com valores tradicionais susceptíveis de modernização (FREYRE, 1978, p. 93. Grifo nosso).

Longe de ficar procurando que movimento foi precursor da *Bagaceira* no campo cultural, ou qual deles influenciou José Américo de Almeida, o que fica de relevante nesse diálogo é o processo criativo da obra *O Movimento Modernista em Pernambuco* de Joaquim Inojosa e da rede de sociabilidade que se estabelece com José Américo de Almeida, demonstrando o quão importante foram as correspondências para as proposições aqui estabelecidas.

3. Crítica a Gilberto Freyre e ao movimento regionalista

Segundo Neroaldo Pontes de Azevedo (1996), foi Wilson Martins quem, em seu *Modernismo*, em 1965, lançou dúvidas sobre a data da elaboração do *Manifesto Regionalista* escrito por Gilberto Freyre, em função do estilo (“a julgar pelo estilo, o autor praticamente reescreveu o seu trabalho”) e da negligência de Gilberto Freyre em relação ao texto (“só tardiamente veio a dar-lhe importância de documento histórico”). Freyre realmente tenta, em obras posteriores à década de quarenta, trazer para si o mérito de ter chamado a atenção para a necessidade de renovação das artes nacionais, ainda antes de 1920. Mas quem denunciou publicamente a questão foi Joaquim Inojosa, em 1968, com o primeiro volume de *O Movimento Modernista em Pernambuco*, e em seguidas publicações, até a última, sobre o assunto, *Sursum Corda* (1981). Inojosa levantou toda a produção freyreana até o final da década de 70, para provar que Freyre sempre foi um ferrenho crítico do modernismo e que só após a vitória deste movimento ele tentava se assenhorar do mérito. Ressalvado o caráter altamente polêmico das publicações de Inojosa, particularmente quando se refere ao regionalismo, fica provado

que o Manifesto, tal como se conhece, foi elaborado em 1952 (ALBUQUERQUE, 2011, p. 105; AZEVEDO, 1996, p. 152-154):

É que me preocupei em documentar. E através disto cheguei àquela conclusão de que foi antedatado para 1922 o Manifesto regionalista que Gilberto Freyre publicou em 1952. Embuste dos mais vergonhosos, se é possível admitir algum não vergonhoso (JI, 25-III-1968).

Nas cartas escritas para José Américo de Almeida, Inojosa inicia a crítica a Freyre, contando que de 1923 por diante, Gilberto Freyre faria pregação sobre o regionalismo e tradicionalismo, limitada a Pernambuco, mas que depois se denominaria de nordestina. Era uma pregação hostil ao modernismo paulista, muito embora com este viesse a “reconciliar-se”, pela maior influência do nacionalismo ou brasilidade dos modernistas, cuja bandeira Guilherme de Almeida implantaria no Teatro Santa Isabel, de Recife, ao ler, em novembro de 1925, sua conferência “Revelação do Brasil pela Poesia Moderna”, seguida da leitura de “Raça”, poema que ainda hoje consideram obra-prima (JI, 3-I-1966).

Na opinião de Inojosa, o pior:

(...) é que desde anos se vem convencendo que (o) modernismo não chegou a atingir o Nordeste, cuja renovação literária se teria inspirado, tôda ela, tôdinha mesmo, em Gilberto Freyre. Ficou portanto, a nossa geração, ausente do grande movimento de 22. „Ficou“ até agora, pois ainda ontem o historiador Mário da Silva Brito me asseverava que o meu livro, pelo seu documentário, modificava este sentido histórico.... (JI, 25-III-1968)

O que realmente desejava era desfazer a trama que levou o Itamarati a editar um livro – *Quem é quem nas artes e nas letras do Brasil* (1966) -, edição de alto bordo, em que se lia “tamanho barbaridade”:

— “Assim é Gilberto Freyre quem abre caminho para o advento do romance nordestino que nos dariam José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Amando Fontes”. (pág. 302, Ed. 1966, do Dep-Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores).
Eis aí, meu caro, como se escreve a história. Ainda bem que é na biografia de Gilberto Freyre, que deve ter sido escrita por êle mesmo (JI, 25-III-1968).

Em João Pessoa, no dia 8 de abril de 1968, José Américo de Almeida, em carta enviada tecia certas considerações sobre os respectivos acontecimentos. Comentava que Inojosa teria feito muito bem em situar em um livro tão bem construído, de longa

pesquisa e elaboração magistral, o papel que teve como bandeirante do movimento modernista em Pernambuco. Principalmente, por ter colhido depoimentos de prestígio histórico que reconhecem esse esforço reconstrutivo, conferindo-lhe uma posição que não podia ser usurpada. Acreditava que o que outros fizeram foi num plano diferente, mais do que uma arte, uma cultura renovadora, cujo valor não podia ignorar. Entretanto, preferia não se envolver na discussão:

Vejo-me em dificuldades, como parte, para debater um aspecto da controvérsia, mas proclamo a importância de sua riqueza de informação e de seu método de expor.

Sua moção é uma análise que exprime a velha solidariedade intelectual e um pensamento novo sobre uma obra já tão discutida (JAA, 8-IV-1968)

Vinte dias depois, Inojosa agradecia a carta enviada, considerando-a muito honrosa. Afirmando que apenas depôs e documentou o que realmente acontecera. Acreditava que talvez por esse motivo, Carlos Drummond teria escrito no *Correio da Manhã* que “seu livro contém muita coisa que vale a pena conhecer, como retrato intelectual dos anos 20”. Sobre essa “muita coisa”, comentaria algo que não deixava de incomodar. Acabava de sair no Recife a 4ª edição do *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, mas sem o “1926” — simplesmente “Manifesto Regionalista”. E, ainda mais grave em matéria de confissão de fraude: substituíra o prólogo “Vinte e Cinco Anos Depois” da 1ª ed., por um “novinho”, intitulado “Prefácio do autor à 4ª edição”. De maneira que quem quisesse consultar para conferência ou estudo mais aprofundado, nada encontraria na 4ª edição. E neste, Freyre se intitulava como o renovador da “década de 20”, atribuindo aos rapazes da semana de 22, simplesmente “pretensões a renovadores” da mesma década. Para isto, escrevera e criou na época, o “regionalismo-tradicionalista-modernista”:

Já neste instante, amplia a farsa: há de ser o renovador da literatura... nordestina?... não: brasileira, queiram ou não. Os modernistas de S. Paulo tiveram apenas... “pretensões a renovadores”; e quanto aos do Nordeste, nem se fala... é tudo “caudatório” (JI, 28-IV-1968).

Nos documentos analisados, além da tentativa de Inojosa de filiar José Américo de Almeida e a sua obra a *Bagaceira* ao movimento modernista, podemos perceber também nessas missivas, o ressurgimento de três personagens distintas: a) Joaquim Inojosa empreendendo um esforço descomunal para se perpetuar na história como o divulgador oficial do modernismo no Nordeste; b) José Américo de Almeida, gozando os louros, a glória do reconhecimento nacional, assumindo plenamente o papel *Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 6, jul./dez. 2012*

de sábio na velhice e ancorado na grande visão homogênea do modernismo como o grande movimento literário e cultural do século XX no Brasil com o seu romance *A Bagaceira*; c) Gilberto Freyre, que no olhar de Inojosa, realizou uma espécie de pecado por ter inventado um manifesto que, ao fim e ao cabo, teve a mesma função daquela que teria se não fosse uma invenção. Demonstra-se, então, que as três personagens (e mais do que elas, as suas obras) são tributárias do modernismo mesmo quando se apegam à secular tradição regional que lhes dá identidade (ARAÚJO, 2012, p. 23-24).

Nessa conjuntura, a partir dos elementos apresentados, é possível concluir que a participação de Joaquim Inojosa no movimento modernista se deu praticamente no âmbito da divulgação, em um contexto de produção jornalística. As suas cartas endereçadas a José Américo de Almeida, assim como o respectivo livro, revelam o interesse pela notícia, pela fixação de sua imagem como modernista de primeira hora e pela polêmica.

De acordo com Antonio Dimas (2004), a importância da documentação apresentada por Joaquim Inojosa não abona a sua condenação à atitude de Gilberto Freyre; antes reconhece o mérito das contribuições do líder regionalista ao movimento cultural da época, tendo em vista que Inojosa não criou, não elaborou, nem articulou um projeto. Sua função foi bem mais simples: a de transmitir o recado de uma novidade assimilada com susto. O contraste entre a atitude de Inojosa e a de Freyre reside na qualidade da elaboração intelectual de suas vivências, enquanto Freyre criava mitos novos, Inojosa apenas repetia-os. Para Dimas, Freyre não precisava lançar mão desse expediente, principalmente por ter criado uma das obras fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, reconhecida por intelectuais de vários espectros ideológicos e de várias latitudes, nacionais e internacionais (DIMAS, 2004, p. 19-20).

4. Considerações Finais:

A rivalidade intelectual e política, sem dúvida existente, não se exercitava sem o debate e não impedia o desenvolvimento de sólidas “amizades intelectuais”, uma sensibilidade formada por afetividade e cumplicidade de projetos. O exemplo da correspondência entre Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida é ilustrativo da importância deste lugar de sociabilidade que prolongava os encontros dos salões, das viagens e dos festivais, constituindo-se como no cotidiano da vivência intelectual, em distinção a seus momentos mais extraordinários (GOMES, 1993, p. 67-68; SIRINELLI, 2003, p.248).

A partir daí, as páginas dessas cartas testemunham a história da amizade entre esses dois participantes do modernismo. Esses documentos registraram estratégias de divulgação da arte moderna, dissensões nos grupos, comentários em torno da produção literária ocorrida no calor da hora. Adentraram no diálogo epistolar aqui analisado outros atores do modernismo, redivivos, com suas fraquezas morais e potencialidades, examinados com paixão ou criticados cruamente. Entre a cena e os bastidores, a história do modernismo se enriquece, perdendo a fixidez livresca. A sociedade brasileira reflete-se nas ações e palavras dos interlocutores, homens de letras e intelectuais formadores de opinião (MORAES, 2001, p.14).

5. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Prefácio de Margareth Rago. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, 376p.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Consciência Moderna e Movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*. Relatório Final de Estágio de Pós-Doutorado. PPGTLLC/ FFLCH – USP. São Paulo, 2012, 162p.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: (os anos 20 em Pernambuco)*. 2ª ed. João Pessoa/ Recife, EDUFB/ EDUFPE, 1996, 275p.

D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. 2ª. Ed. Revista e ampliada. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2010, 239p.

DIMAS, Antonio. “Um manifesto guloso”. In: *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº2, 2004, p. 7-24.

FIGUEIREDO JR., Nestor Pinto de. *Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho: Cartas*. Apresentação e Estudo. João Pessoa: Idéia, 2000a, 267p.

FREYRE, Gilberto. *Tempo de Aprendiz*. São Paulo, Ibrasa/Brasília, INL, 1979, 2v.

_____. José Américo de Almeida: uma reinterpretação. In: ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. “Essa Gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

_____. “Introdução”. In. *Em Família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005, p.7-41.

INOJOSA, Joaquim. *O Movimento Modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1968, 1v.

_____. *José Américo de Almeida – Algumas Cartas*. Rio de Janeiro. Gráf. Olímpica Editora, 1980, 50p.

_____. *A Arte Moderna*. Edição Fac-Similar. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra, 1984, 104p.

OLIVEIRA, G. R. P. L. O movimento modernista em Pernambuco: a correspondência...

MORAES, Marcos Antônio de. Afinidades Eletivas. In: *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Marcos Antônio de Moraes (org.). São Paulo: EDUSP/IEB, USP, 2ª ed. 2001, p. 13-44.

_____. Epistolografia e crítica genética. In. *Ciência & Cultura*. v. 59, n.1 São Paulo jan./mar. 2007, p.30-32.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In. *Por uma História Política*. René Remond (org.), trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.